

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redator principal — CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI — Número 1.633

Domingo, 23 de Março de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia  
Caçada do Cembo, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

Ler na terceira página:  
Impressões colhidas na  
cidade do Pôrto.

## OS CRIMES DOS GAIOLEIROS

# O TRAGICO DESABAMENTO DE CAMPOLIDE

FUNERAL DAS VITIMAS QUE HOJE SE REALIZA DEVE CONSTITUIR UMA GRANDE MANIFESTAÇÃO DE SENTIMENTO E DE PROTESTO — UM CONVITE DA U. S. O. À POPULAÇÃO DE LISBOA

Será hoje, com o funeral das vítimas ultimo acto da tragédia da Travessa do Tarujo?

Queremos perguntar aos que tecem filhos se podem desinteressar-se desse grande crime, um silêncio definitivo? Se sim, a população dá provas de desinteresse, de insensibilidade, e de despolival imprevidência. O seu silêncio equivale a um crime. A um atentado contra as vidas, a uma triste cumplicidade com a obra de devastação e morte dos gaioleiros. Semelhante crime não pode deprender-se.

A população de Lisboa tem de demonstrar de uma maneira colectiva e pública que a morte de 12 pessoas não foi indiferente, antes lhe produziu a maior indignação. Essa demonstração deve ser dada hoje. No funeral das vítimas devem incorporar-se todos os inquilinos, manifestando assim o seu desejo de não morrer para que os gaioleiros entreguem. A população é ameaçada de morte e essa ameaça é longe de estar arredada, pois a Câmara Municipal continuará indiferente e hostil à segurança das suas vidas. Não há crime que a comova. Morrer 12 pessoas na Travessa do Tarujo? Que não tivesse morrido ninguém que tivessem encontrado a morte 300 pessoas, a Câmara não se importa. Pois é necessário que a Câmara responda à vida humana e retire a sua cumplicidade para com os crimes dos gaioleiros. É preciso que a população possa todas as noites deitar-se tranquilizada, com a certeza adquirida que desde ontem não abatida, espalhada irremediablemente nos seus embos, é preciso que os que vêm os dias para as suas ocupações, possam estar sosegados, sem ter o receio de regressar a casa, ir encontrá-la transformada num montão de entulho, suas famílias em remoção para a estrada, e os seus baveres espatifados, completamente perdidos.

Que casa não pode ser a sucural de gaioleiros. O direito de habitar não pode ser transformado na certeza de morrer um dia, sob as ruínas dessas habitações.

A população quer defender a sua tem o dever de demonstrar, invariavelmente, no funeral das que perderam a vida na travessa do Tarujo, exteriorizar a sua repulsa pelos culpados e a dor profunda que o trágico final das vítimas inspirou. O crime dos gaioleiros pode continuar, não pode multiplicar-se num número infinito de crimes. O povo tem o dever de, amanhã, funeral, tomar o compromisso de se dedicar à «outrance» da manada brava dos gaioleiros que para amontoar não hesita, friamente, em o assassinar.

\*\*\*

A União dos Sindicatos Operários de Lisboa, convida todo o povo trabalhador a lavrar o seu protesto contra os crimes dos gaioleiros e a nefanda cumplicidade da Câmara Municipal, e a incorporar-se no funeral das vítimas da Travessa do Tarujo.

Que nenhum operário deixe de hoje significar a sua indignada revolta contra os monstruosos crimes dos gaioleiros.

Associação dos Inquilinos Lisbonenses

A comissão organizadora convida os sócios desta colectividade a comparecer hoje, pelas 14 horas, na sede da Associação dos Empregados de Escritório, rua da Madalena, 225, 1.º, afim de se protestar contra o criminoso desleixo que tem dado origem a catastrofes como a de Campolide e resolver sobre as severas medidas a exigir dos poderes públicos para que se garanta a segurança das habitações em Lisboa.

Colchoeiros

Os operários colchoeiros, reunidos em assembleia geral, resolveram protestar contra os crimes dos gaioleiros e encorparem-se no funeral das vítimas. Todos os colchoeiros devem reunir-se para esse efeito, na rua do Deserto, pelas 13 horas, donde partirão para a encorpagem no cortejo fúnebre.

Grêmio dos Funcionários Municipais

O Grêmio dos Funcionários do Município de Lisboa, deplorando com sentido pesar, as vítimas ocasionadas pelo desmoronamento havido em Campolide, resolveu fazer-se representar no funeral das mesmas vítimas e lamentou a facilidade assombrosa com que alguns jornais atribuem ao funcionalismo municipal nesse desmoronamento, quando, para ele, lantos factores contribuíram, como a péssima constituição do terreno em que estava construído o mesmo prédio, a falta de prerroglivas com que lutaram os funcionários respectivos para poderem opor-se eficazmente às pessimas construções que se tem feito na cidade.

Operários colchoeiros, reunidos em assembleia geral, resolveram protestar contra os crimes dos gaioleiros e encorparem-se no funeral das vítimas. Todos os colchoeiros devem reunir-se para esse efeito, na rua do Deserto, pelas 13 horas, donde partirão para a encorpagem no cortejo fúnebre.

O gaioleiro é quase sempre um profissional inculto e sem escrúpulos. Entra em Lisboa, sem um vintém, sem a ideia honesta, priso unicamente à tensão de arranjar fortuna. Sabe o que ouviu dizer dos outros, que se recorre a mil expedientes e com arranjar dinheiro para a construção do prédio; sabe que pode construir o prédio, sem as requeridas condições de segurança, falsificando materiais, prestando as mais elementares regras. Isto ignora que a fiscalização da Câmara é uma mentira, consegue ainda, do prédio estar construído, atingir a coisa espantosa, fazer morar dentro dos inquilinos. Abate um prédio estruído por um outro «gaioleiro» da mesma fórmula. Não se incomoda com o que o principal é que o prédio que está sendo construído se acabe e se abra, gastando com ele a menor quantia que lhe for possível.

Depois de o prédio feito, vende-o, que pode abater e soterrar todos os inquilinos. Que tem é com isso? A ele que compete velar pelas vidas dos inquilinos. Isto é com a Câmara Municipal. Se esta decide que a construção é solidamente necessária bem se importa que essa solidade seja uma mentira, responsabilidade é da fiscalização.

Os estes os raciocínios que a esta estação fazendo os «gaioleiros» que vários pontos da cidade estão constituindo as «gaiolas» que de prédios só tem a aparência. Ainda se não via da Câmara, a altitude de quem está de posição de defender a vida humana. A indiferença, a mesma criminosidade, continua sendo o seu estudo. Pois se os gaioleiros são criminosos, a Câmara também o é. Se os gaioleiros tem as maiores intenções de desvanecer a Câmara também as tem limpeza de sangue inocente. Se os gaioleiros os carrascos da população, também assiste o direito de apontar a deputados e de lhe chamar: assassino.

\*\*\*

Tom o povo de Lisboa o direito de erguer contra estes excedentes criminosos. Não se esqueça esse povo que se bateu e cavalheirosamente, com grande coragem, grande desinteresse, que o desa-



## SUPLEMENTO DE "A BATALHA"

MAIS UM NÚMERO  
INTERESSANTÍSSIMO QUE  
EXPOSTO À VENDA  
AMANHÃ

### SUMÁRIO:

Carta a um velho liberal sobre as vantagens da organização das classes (com gravura alegórica).

A lei seca e os bebedores — Processos para não cumprir a lei.

Os contos do «Suplemento» — Farda maldita por José Teixeira.

A Campanha de Marrocos por A. Remédios de Bettencourt.

Determinismo social, por Adolfo Lima.

Os grandes compositores musicais — Gounod, Berlioz e Halévy — por Nogueira de Brito.

O povo de Traz-os-Montes, por Mário Domingues.

Flor da rua, soneto de Bramão e Almeida.

Propriedade individual ou colectiva? por Campos Lima.

Falar é semear. Carta sobre Igualdade por Abilos.

A partida para o trabalho, quadro de H. Ponchon.

O que todos devem saber... Chico, Zecas & C. A.

Arte, literatura, sociologia, educação e crítica.

PREÇO 50 CENTAVOS

# Ecos da greve do funcionalismo

## A galeria dos «amarelos» — Um desabafão

Dr. Alberto da Silva

3.º oficial da mesma extinta segurança. Foi padre, é padre e padre quer morrer. Como homem não tem mulher, como padre tem filhos, como funcionário uma nulidade, como homem um imbecil e como político, um indefectível monárquico (honraria que lhe conferiu o Correio da Manhã). Fazia para a participação, invariavelmente depois das 14 horas.

João António Félix de Carvalho

3.º oficial de Política e Civil. É o calmo da repartição. Apresentou atestado de francês no seu concurso mas não sabe português. Do francês só diz «rien». Tem 70 anos de idade e namora só noite e dia, para granger o pão de seus filhos e das lusas, gordura e dinheiro aos patrões. Mas o Estado é o mais hipócrita e vicioso, moral apodrecida, expedientes venenosos, atitudes perversas e desnaturadas.

Pretender ocultá-lo é tentar contra a justiça, esmagar a verdade, destruir a lógica imanente dos factos.

O operário que luta com a miséria é um infeliz como o burocrata que estila de pobres. Um outro trabalhava noite e dia, para granger o pão de seus filhos e das lusas, gordura e dinheiro aos patrões. Mas o Estado é o mais hipócrita e vicioso, moral apodrecida, expedientes venenosos, atitudes perversas e desnaturadas.

Pretender ocultá-lo é tentar contra a justiça, esmagar a verdade, destruir a lógica imanente dos factos.

Operário que luta com a miséria é um infeliz como o burocrata que estila de pobres. Um outro trabalhava noite e dia, para granger o pão de seus filhos e das lusas, gordura e dinheiro aos patrões. Mas o Estado é o mais hipócrita e vicioso, moral apodrecida, expedientes venenosos, atitudes perversas e desnaturadas.

Operário que luta com a miséria é um infeliz como o burocrata que estila de pobres. Um outro trabalhava noite e dia, para granger o pão de seus filhos e das lusas, gordura e dinheiro aos patrões. Mas o Estado é o mais hipócrita e vicioso, moral apodrecida, expedientes venenosos, atitudes perversas e desnaturadas.

Operário que luta com a miséria é um infeliz como o burocrata que estila de pobres. Um outro trabalhava noite e dia, para granger o pão de seus filhos e das lusas, gordura e dinheiro aos patrões. Mas o Estado é o mais hipócrita e vicioso, moral apodrecida, expedientes venenosos, atitudes perversas e desnaturadas.

Operário que luta com a miséria é um infeliz como o burocrata que estila de pobres. Um outro trabalhava noite e dia, para granger o pão de seus filhos e das lusas, gordura e dinheiro aos patrões. Mas o Estado é o mais hipócrita e vicioso, moral apodrecida, expedientes venenosos, atitudes perversas e desnaturadas.

Operário que luta com a miséria é um infeliz como o burocrata que estila de pobres. Um outro trabalhava noite e dia, para granger o pão de seus filhos e das lusas, gordura e dinheiro aos patrões. Mas o Estado é o mais hipócrita e vicioso, moral apodrecida, expedientes venenosos, atitudes perversas e desnaturadas.

Operário que luta com a miséria é um infeliz como o burocrata que estila de pobres. Um outro trabalhava noite e dia, para granger o pão de seus filhos e das lusas, gordura e dinheiro aos patrões. Mas o Estado é o mais hipócrita e vicioso, moral apodrecida, expedientes venenosos, atitudes perversas e desnaturadas.

Operário que luta com a miséria é um infeliz como o burocrata que estila de pobres. Um outro trabalhava noite e dia, para granger o pão de seus filhos e das lusas, gordura e dinheiro aos patrões. Mas o Estado é o mais hipócrita e vicioso, moral apodrecida, expedientes venenosos, atitudes perversas e desnaturadas.

Operário que luta com a miséria é um infeliz como o burocrata que estila de pobres. Um outro trabalhava noite e dia, para granger o pão de seus filhos e das lusas, gordura e dinheiro aos patrões. Mas o Estado é o mais hipócrita e vicioso, moral apodrecida, expedientes venenosos, atitudes perversas e desnaturadas.

Operário que luta com a miséria é um infeliz como o burocrata que estila de pobres. Um outro trabalhava noite e dia, para granger o pão de seus filhos e das lusas, gordura e dinheiro aos patrões. Mas o Estado é o mais hipócrita e vicioso, moral apodrecida, expedientes venenosos, atitudes perversas e desnaturadas.

Operário que luta com a miséria é um infeliz como o burocrata que estila de pobres. Um outro trabalhava noite e dia, para granger o pão de seus filhos e das lusas, gordura e dinheiro aos patrões. Mas o Estado é o mais hipócrita e vicioso, moral apodrecida, expedientes venenosos, atitudes perversas e desnaturadas.

Operário que luta com a miséria é um infeliz como o burocrata que estila de pobres. Um outro trabalhava noite e dia, para granger o pão de seus filhos e das lusas, gordura e dinheiro aos patrões. Mas o Estado é o mais hipócrita e vicioso, moral apodrecida, expedientes venenosos, atitudes perversas e desnaturadas.

Operário que luta com a miséria é um infeliz como o burocrata que estila de pobres. Um outro trabalhava noite e dia, para granger o pão de seus filhos e das lusas, gordura e dinheiro aos patrões. Mas o Estado é o mais hipócrita e vicioso, moral apodrecida, expedientes venenosos, atitudes perversas e desnaturadas.

Operário que luta com a miséria é um infeliz como o burocrata que estila de pobres. Um outro trabalhava noite e dia, para granger o pão de seus filhos e das lusas, gordura e dinheiro aos patrões. Mas o Estado é o mais hipócrita e vicioso, moral apodrecida, expedientes venenosos, atitudes perversas e desnaturadas.

Operário que luta com a miséria é um infeliz como o burocrata que estila de pobres. Um outro trabalhava noite e dia, para granger o pão de seus filhos e das lusas, gordura e dinheiro aos patrões. Mas o Estado é o mais hipócrita e vicioso, moral apodrecida, expedientes venenosos, atitudes perversas e desnaturadas.

Operário que luta com a miséria é um infeliz como o burocrata que estila de pobres. Um outro trabalhava noite e dia, para granger o pão de seus filhos e das lusas, gordura e dinheiro aos patrões. Mas o Estado é o mais hipócrita e vicioso, moral apodrecida, expedientes venenosos, atitudes perversas e desnaturadas.

Operário que luta com a miséria é um infeliz como o burocrata que estila de pobres. Um outro trabalhava noite e dia, para granger o pão de seus filhos e das lusas, gordura e dinheiro aos patrões. Mas o Estado é o mais hipócrita e vicioso, moral apodrecida, expedientes venenosos, atitudes perversas e desnaturadas.

Operário que luta com a miséria é um infeliz como o burocrata que estila de pobres. Um outro trabalhava noite e dia, para granger o pão de seus filhos e das lusas, gordura e dinheiro aos patrões. Mas o Estado é o mais hipócrita e vicioso, moral apodrecida, expedientes venenosos, atitudes perversas e desnaturadas.

Operário que luta com a miséria é um infeliz como o burocrata que estila de pobres. Um outro trabalhava noite e dia, para granger o pão de seus filhos e das lusas, gordura e dinheiro aos patrões. Mas o Estado é o mais hipócrita e vicioso, moral apodrecida, expedientes venenosos, atitudes perversas e desnaturadas.

Operário que luta com a miséria é um infeliz como o burocrata que estila de pobres. Um outro trabalhava noite e dia, para granger o pão de seus filhos e das lusas, gordura e dinheiro aos patrões. Mas o Estado é o mais hipócrita e vicioso, moral apodrecida, expedientes venenosos, atitudes perversas e desnaturadas.

Operário que luta com a miséria é um infeliz como o burocrata que estila de pobres. Um outro trabalhava noite e dia, para granger o pão de seus filhos e das lusas, gordura e dinheiro aos patrões. Mas o Estado é o mais hipócrita e vicioso, moral apodrecida, expedientes venenosos, atitudes perversas e desnaturadas.

Operário que luta com a miséria é um infeliz como o burocrata que estila de pobres. Um outro trabalhava noite e dia, para granger o pão de seus filhos e das lusas, gordura e dinheiro

## Coliseu dos Recreios

HOJE — 2 surpreendentes espetáculos 2 — HOJE  
A's 14.30 (2 e meia) A's 21 (9 da noite)  
GRANDIOSA MATINÉE DESLUMBRANTE SOIRÉE

As maiores e mais sensacionais novidades da  
Nova Companhia de Circo

Emocionante e arriscadíssimo trabalho  
do grande ginasta aéreo «rei do equilíbrio»

LEOPOLDO

O mais artístico, mais variado e mais barato  
espectáculo de Lisboa

— Não se afixam cartazes nas ruas —

## ARTE E ARTISTAS

A primeira exposição de Martins Barata

Martins Barata, nome já bem conhecido como ilustrador e aquarelista, abriu ontem a sua primeira exposição num atelier da rua D. Pedro V, 20. É uma exposição modesta, sem presenças, balanço dos primeiros esforços dum artista que começo agora a caminhar a longa estrada da beleza.

Já conhecemos trabalhos dispersos de Martins Barata e láhe notámos dotes artísticos que esta exposição veio confirmar. Não é o novo aquarelista, uma figura extraordinária que mereça da nossa pena elogios largos. Se o fizemos, mentimos, prestando ao artista um mau serviço. Possui boas qualidades a par de algumas deficiências, que desaparecerão, com o tempo, estamos convencidos. Barata temia em tratar de figura, vendo-se que tem por este asunto artístico uma paixão absorvente.

Alguns quadros deste género revelam o raro cuidado e o desejo de perfeição que empregou para conseguir belas obras. Simplesmente, a maneira de realizar é velha, demasiado antiga. Martins Barata obsecado pelos modelos pensou apenas em transportá-los ao cartão com todas as suas características, com todos os traços que indicassem vida, beleza — e esqueceu-se de que o que é melhor dá a impressão da vida, no nosso século de vertigem e síntese, é o movimento. As figuras são quase todas paradas, francamente paradas, vendo-se que estiveram imóveis, quase sem respirar, numa longa pose forçada, para que o pintor as aquarelasse bem.

Resulta de ali que os modelos ficam sempre modélos, como aquela carreiro, junto da carroça, hirto e com os olhos fitos num ponto que se adivinha ter sido indicado pelo artista. A *família do andar da aldeia* enferma do mesmo deleito, o andar, igualmente, a *alegre companhia*, também. Parece-nos que constituem um lamentável érro de visão estética, deixar-se que as figuras assumam a atitude caricata de pessoas que vêm tirar o retrato ao Grandola.

Nota-se, entretanto, belas qualidades de trabalho em Martins Barata. A sua pinelada é cuidada e intencional e se nem sempre mantém esse cuidado é porque lhe falta ainda um completo treino. Pessoalidade, tem-na o pintor oxalá que as legítimas ambições de perfeição a não deformem sob habilidades académicas que estão em desuso. A tonalidade é a mais forte característica da sua personalidade. É um pouco pena essa tonalidade, mas nela sabe Barata integrar os assuntos mais variados. Ressalta também desta exposição o amor do artista pelos assuntos populares aos quais da bastante caráter e um sabor acentuadamente local.

E mais não dizemos.

Mário DOMINGUES

## Imprensa

Cine-Sport

Saiu o n.º 1 desta interessante re

vista, impressa a verde, incluindo infor

mação diversa sobre cinema e circo.

REVOLUTIVOS

O mezo de Março tem sido

De não fechar o chapéu.

Noite e dia tem chevado.

E além das nuvens, no céu,

Tem andado o Sol 'scondo.

Lisboa d'água está mala

Nunca se viu coisa assim!

E a chuva que não escasseia

Tem sido tanta, que, enfim,

A Lua d'água está cheia.

Numa sorte de dilúvio,

Da lei seca na maré,

Temos tido um pedilúvio

Que tem posto o pobre Zé

Da frescura na corta.

Médio nabo lá na horta;

Os tomates e pepinos

Estão, a bem dizer, à porta

E os hortumes, pequeninos,

Ayres, o chefe, a trunfa corta.

Resta saber, finalmente,

Quando será que a polícia

Carta a «colecta» é má gente

Que leva a sua «pertica»

A tosquiá toda a gente.

José BENEDY

## Liga pró-moral

Esta colectividade de protecção à família, vai prosseguir, nas suas festas em favor do cofre. A primeira realiza-se ho

je pels 14 horas, no salão do Centro Radical de Lisboa, rua da Voz do Operário, gentilmente cedido para o efeito, constando de seruço dramático e baile, abrillantado pelo Grupo Musical Clave de Sol, sob a direcção do sr. Bertino Ferreira. A entrada é pública, e a direcção da Liga convida os sócios das colectividades que a tem auxiliado, bem como suas famílias, a honrarem a festa com a sua presença.

lhes será fornecida uma lista com os nomes dos bandoleiros que vêm comprometendo a vida industrial do país e assim tornando-lhes inimigos dos operários, preparando-lhes a sua ruina.

Que todos os metalúrgicos se inscrevam no respetivo sindicato, afim de que este se impõe e se habilite pela força e união de todos os componentes da indústria a enfrentar as responsabilidades da próxima transformação social. — A Comissão de Melhramento.

## APOLO

Telefone N. 4128

HOJE pela  
Companhia OTELO DE CARVALHO

FORMIDAVEL EXITO  
2.ª apresentação de LAURA COSTA

nos seus sensacionais

NÚMEROS NOVOS

Único domingo, em que os NOVOS

a gentil artista

na graciosa e deslumbrante revista

FRUTO PROIBIDO

Ellas Santos e Adelina Fernandes

em vários painéis, cantando os

seus Pados à Guitarra

Estão suspensas rigorosamente, as en

tradas de lavor. — Não se afixam cartazes

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

# LEVES IMPRESSÕES COLHIDAS NA CIDADE DO PORTO

No séc. sítio, no séc. vertigem que vivemos o homem sente-se bem quando marcha a oitenta quilômetros, horas.

Vamos a oitenta quilômetros à hora — disse-me um passageiro, quando as portas de Estrareja, o rápidos corria veloz em frente à planície muito verde, dum verde macio, triste e extenso que se perdia na neblina azul do Oceano. Quando o monstro de ferro, longo como uma serpente, passava junto dum passageiro ou dum casinhalho timido parecia ameaçar levar tudo atrás de si numa carreira doida, numa cavalgada misteriosa para a morte. E' belo e aterrador viajar assim. O encanto das coisas que se olham a um segundo e ficam sempre para trás, muito para trás a diminição e a desaparecer, é tamélo que o pensamento não tem tempo para dele se apresentar completamente. A oitenta quilômetros à hora não se medita sobre o que se vê, colhem-se apenas impressões fugazes, incompletas. Como beijos de amor que não se chegam a dar, paixões de ternura que a morte súbita cortasse, manjar delicioso que não se saboreou, palácio encantado a cuja portaria esperámos, assim é a passagem deliciosa que se entrevê a janela do combóio, a oitenta quilômetros à hora.

Como eu tive pena de não poder integrar-me completamente na melancolia daquela paisagem verde, plana, onde um raro pinheiro solitário se erguia, como um espetro, e velas brancas de barcos, vogando silenciosas pelos canais invisíveis, escondidos no grande amplio, lembravam almas perdidas em um ameno deserto!

Mas a vertigem impiedosa do rápidos já nos levava entre areias, perto da Granja, batidas pelas ondas elegantes, e espumosas do Atlântico. Gózou dum momento sempre insatisfeito, é a vida de hoje, do séc. XX, do séc. do voo sobre oceanos e continentes, das realizações velozes, das sinteses maximas, das paixões absorventes que ardem num momento, quando num minuto criam reinos, glórias e vaidades, religiões e templos.

**Suspensão sobre o Douro**  
Aceso o cigarro — o melhor companheiro de viagem — tiradas duas fumadas, eis que surge perante os nossos olhos o espetáculo inesperado da cidade do Porto, apoteose de casaria dura, resplandecendo sob um raios de sol discreto que naquela dia solitário teve a ambição de aparecer para que a capital do Norte me recebesse, sorrindo.

E' branda a velocidade do combóio, que entra na ponte de D. Maria. Vai de mansinho suspenso sobre o Douro. Lá em baixo, muito distantes, barquinhos vogando serenos no dorso do rio. O Porto mostra-nos, impõente, o enigma da sua casaria, que se estende indolente para os lados da Foz.

O olhar espreguiçou-se sobre o largo horizonte, esquecendo-se contemplando. Tudo aquilo, corta-nos de subito a paisagem, uma encruzida espessa e envolvente, como no teatro as mutações de cena.

Paga aquele momento de negrume e logo, à direita, o Douro surge de novo, numa fuga rápida. Outra túnica, longos minutos perdidos na treva, num sonho,

num pesadelo. Acordamos em plena gare de São Bento, cheia de movimento, de gente que embarca e desembarca, de malas às costas de moços, de exclamações, de palavras soltas, de apitos estridentes.

## A sedução da cidade

Estamos na vasta sala de espera da estação. Como é diferente da do Rossio. Olhemos as paredes altas, cobertas de azulejos, sobre os quais se fixaram quadros alegóricos aos meios de transporte de várias épocas. Há um grande quadro onde homens de lança em riste, cavaleiros em corda doida, pendões ao alto, se entrecocam numa confusão de corpos. E' uma batalha, uma chacina, um matadouro humano pintado em azul de tódas as tonalidades. Mas não há tempo para dele se apresentar completamente. A oitenta quilômetros à hora não se medita sobre o que se vê, colhem-se apenas impressões fugazes, incompletas. Como beijos de amor que não se chegam a dar, paixões de ternura que a morte súbita cortasse, manjar delicioso que não se saboreou, palácio encantado a cuja portaria esperámos, assim é a passagem deliciosa que se entrevê a janela do combóio, a oitenta quilômetros à hora.

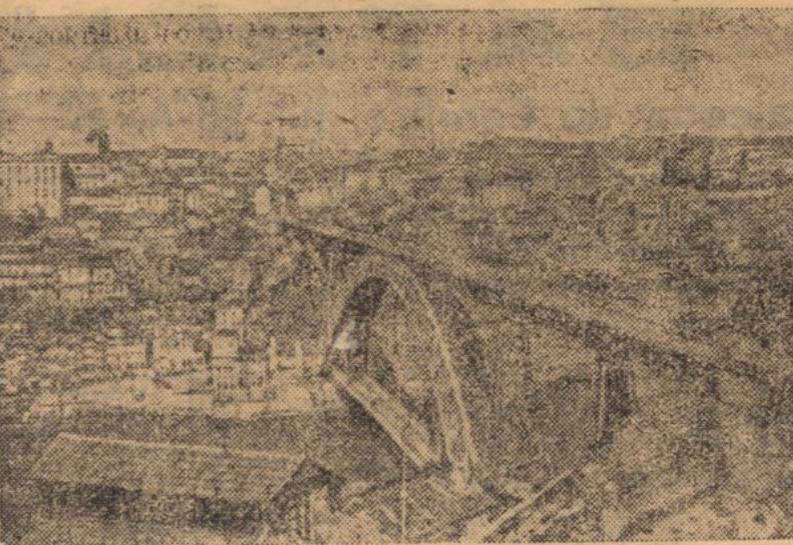
Como eu tive pena de não poder integrar-me completamente na melancolia daquela paisagem verde, plana, onde um raro pinheiro solitário se erguia, como um espetro, e velas brancas de barcos, vogando silenciosas pelos canais invisíveis, escondidos no grande amplio, lembravam almas perdidas em um ameno deserto!

Mas a vertigem impiedosa do rápidos já nos levava entre areias, perto da Granja, batidas pelas ondas elegantes, e espumosas do Atlântico. Gózou dum momento sempre insatisfeito, é a vida de hoje, do séc. XX, do séc. do voo sobre oceanos e continentes, das realizações velozes, das sinteses maximas, das paixões absorventes que ardem num momento, quando num minuto criam reinos, glórias e vaidades, religiões e templos.

**O valor das coisas insignificantes**  
As cidades — permitam-me o paradoxo — são todas iguais e todas diferentes. As mesmas pessoas, apressadas, mudas, fechadas a sete chaves nos pensamentos, acotovelam-se; os mesmos trens, de corolas, corridas passam levando lá dentro mistérios de amor; os mesmos automóveis atropelam o transeunte distorcido, que nem sabe como morre; a mesma casaria alista projecta sobre nós a sua sombra sinistra; das mesmas janelas sai o bafô de tragédia familiar; os mesmos cafés discutem-se futilidades. Por isso quando atravesssei a praça da Liberdade, eu senti-me em Lisboa, le-

## DIZ-SE UM POCO

DO SEU ASPECTO,  
DAS SUAS PRACAS,  
DO SEU MOVIMENTO SOCIAL, DOS



VISTA PARCIAL

lameadas as botas? Abeira-se uma pessoa da borda do passeio e logo na sua café Paris, escondido numa travessa sozinha, encontra sempre camaradas com quem pode, à vontade, desabafar as suas iras contra a burguesia e contra o Estado.

O Paris, centro de reunião dos avançados, é um corredor estreito, o fumo do tabaco a encher a atmosfera de nuvens azuladas, as mesas sempre cheias, uma pessoa afilhada pisando calos, saltanços, sem cerimónia, sobre os *habits* na perseguição duma cadeira. É assim o Paris, quando se entra. Porém, conquistada uma cadeira, abanado o revestimento em frente da mesa de suposto marmore, ou se joga o dominó, grave, silencioso, ou se embrenha numa discussão animada sobre questões sociais, absolutamente necessário, que a ação e o pensamento anarquistas exigem naquela capital.

Um agradável sente-se, à vontade no Porto. O ambiente é esquerista. Não

temos tempo de averiguar-las, mas atribuímos esse facto, à natural reação que a Trautiania provocou nos esforços mais altos e mais sedentos da Libe-

riada. A Juventude Sindicista, é entretanto uma esperança consolidadora quando pensamos no renascimento, absolutamente necessário, que a ação e o pensamento anarquistas exigem naquela capital.

Um agradável sente-se, à vontade no Porto. O ambiente é esquerista. Não

temos tempo de averiguar-las, mas atribuímos esse facto, à natural reação que a Trautiania provocou nos esforços mais altos e mais sedentos da Libe-

riada.

## As praças mais notáveis

### — o Barredo

Há no Porto uma grande falta de jardins floridos, como em Lisboa, onde uma pessoa possa recrear-se um pouco e esquecer a carentia da vida. Entre tanto, tem algumas praças notáveis: do Infante D. Henrique, ao centro do qual sobre um bloco enorme de granito está o infante encarrapitado, lembrando um anão sobre a serra de Estrela; a da Batalha, circundada de botéis, do edifício

do Alves Pereira, da Comuna, sempre

sorridente, os bigodes que foram louros caídos sobre os cantos da boca, conta

anedotas sobre andorcas, umas verda

dadeiras outras inventadas na ocasião;

Na Santos Vizos indigna-se invariavel

mente contra a falta de consciência das

massas: o Joaquim do Carmo, dos Des

carregadores, faz *blague*, o Felisberto

Baptista, da delegação confederal, secu

do. O Paris só apresenta cadeiras va

gas quando há conferência, assemblea,

sessão importante, ou quando alguma

reunião prende-se nas sedes dos organi

mos operários os militantes mais acti

vos.

## O ambiente revolucionário

No Porto, são dois os centros da actividade revolucionária: na sede da U. S. O. e na redação de *A Comuna*. Na U. S. O. age-se, em *A Comuna* pensa-se. Na U. S. O. estão os sindicalistas revolucionários, em *A Comuna* os anarquistas. Esta é o pensamento, aquela o mo

velamento. Uma é o cérebro, a outra o

braço.

O Porto é, sob o ponto de vista revolucionário, muito diferente de Lisboa. Lá existe uma élite de militantes, proporcionalmente maior e mais activa do que por cá. Essa élite esticou-se, gasta-se numa propaganda difícil junto dum operariado que seria indiferente se não fosse essa mesma ação dos militantes.

No Porto é a élite consciente, que à custa de muito trabalho impõe o povo para a ação; em Lisboa, muitas vezes é a massa, com o seu peso aterrador, com o seu espírito de revolta que empurra os militantes. Não sabemos qual será mais vantajoso.

O que se executa naquela cidade em matéria revolucionária é quase sempre melhor pensado e estudado. Em Lisboa, muitas vezes, o militante não tem tempo de pensar, porque os acontecimentos precipitam-se numa velocidade vertiginosa.

A mocidade é, como em toda a parte, inconstante. A sua ação verifica-se por períodos. Agora encontra-se num momento de fervescência, de ânsia de realização. Por sua iniciativa funciona presentemente na sede da União dos Sindicatos, uma escola, onde se ensina a ler, escrever e se dão noções de geografia. O próximo congresso juvenil traz a Juventude Sindicista entusiasmada e o trabalho dispêndido na recolha de fundos para a boa realização dessa grande assembleia da mocidade revolucionária portuguesa, pode cons

iderar-se notável.

As cidades são todas idênticas nas suas linhas gerais. Nós sólhos notamos diferença nas pequeninas coisas, nos pormenores. E os pormenores que não se apreendem, à primeira vista, são afinal a diferença fundamental das cidades semelhantes. Quando nos assenhoreamos bem, pormenorizadamente dos pormenores duma cidade é que valem bem quão diversa ela é de todas as outras.

Vamos, pois, aos pormenores portugueses, às coisas insignificantes portuguesas, que são as mais valiosas, mais interessantes de se encarregar.

Não se vê no Porto, como em Lisboa, passeios laterais cravados de pedrinhas e meia e meia — veem-se paralelipípedos lisos e cíntenos. Não se entra numa escada, como na capital, para engraxar as botas; lá existem os engraxadores ambulantes, caixa de madeira, suja presa num corrente a tiracolo, que percorrem as ruas e praças. Estão en

tra no turbilhão estonteante do Rossio, alarmado pela avalanche de automóveis que se encravam em todas as direções.

Pedras para isqueiros

Metal Auer, assim como rodas,

óculos e maciços, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampons.

Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lala, (E' a casa que for-

nece em melhores condições).

**FATOS!!!**

Bons e baratos é o ideal

Fábrica manual com muito boas lâ

as a 35 e 40 escudos o metro

Vendas por conta da fábrica

Pedir amostras a: JORGE CAMPELO

Por carta a esta redacção ou R. Senhor da Glória, 95, 2.º

Pelo Telefone C. 293

Espera-se mostruário de ESTAMBRES para a nova época.

— Sim, sim! repetiram os milicianos e os servos do grande sacerdote, merece a morte, à morte!

Conduzam já o criminoso à presença do sr. Pôncio Pilatos, governador da Judéia por parte do imperador Tibério, disse Caifaz aos soldados, só ele pode ordenar a morte do réu.

A estas palavras do príncipe dos sacerdotes, arrastaram o filho de Maria para fora da casa de Caifaz, para o conduzir à presença de Pôncio Pilatos.

Genoveva, confundida entre os servos, seguiu os soldados. Ao passar por debaixo da abóbada da porta, viu Pedro, esse covarde discípulo do jovem mestre (o menos covarde de todos, pensava ela, por que ao menos o tinha seguido até ali), viu Pedro desviar os olhos quando Jesus, procurando encarar o seu discípulo, passou por diante entre os soldados. Uma das servas da casa, reconhecendo Pedro, disse-lhe:

— Tu não estavas também com Jesus, o Galileu?

— E Pedro, corando e baixando os olhos, respondeu:

— Não sei o que dizes.

Um outro servo, ouvindo a resposta de Pedro, replicou, designando-o aos outros assistentes:

— Digo-lhes eu, que este estava também com Jesus de Nazaré.

— Juro, exclamou Pedro, juro que não conheço Jesus de Nazaré.

O coração de Genoveva revoltava-se de indignação e desgosto. Pedro, por fraqueza ou com medo de partilhar da sorte do mestre, renegando-o duas vezes e perjurando, era a seus olhos o último dos homens; mais do que nunca lastimou ela o filho de Maria ser traído, abandonado e entregue por aqueles que ele estimava tanto. Explicava dêste modo a tristeza punjante que tinha notado nas suas feições. Uma grande alma como a dêle não devia temer a morte, mas sim afogar-se com a ingratidão daqueles que julgava os seus mais caros amigos.

— Blasfemou...? Que precisão temos nós de tes

temunhas? Vós mesmos acabais de ouvir blasfemar; e que julgais, pois?

— Que merece a morte!

Tal foi a resposta de todos os juízes daquele tri-

bal de iniquidade... Mas as vozes do dr. Baruch e

do banqueiro Jonas dominavam todas as mais e elas gritavam, batendo murros na mesa:

— A morte o nazareno! Merece a morte!

As escravas saíram da casa do príncipe dos sacerdotes, quando tinha ficado Pedro, o renegado, e reuniu-se aos soldados que conduziam Jesus. O dia começava a rom-

pera, pela sensação de nojo que produz — é o Barredo. E' o bairro da miséria, onde se acoitam os párias, onde se abrigam os marítimos, os descarregadores, os que trabalham em pedrados e besteiarias.

Quem conhece a nossa Alfama, pode fazer uma ideia do Barredo, mas terá de acrescentar-lhe um cheiro mais pestilente, uma lama mais viscosa que se espalhava sob os pés, uma fumarada mais espessa que sai das cozinhas das tabernas onde se iria o sável do Douro.

As ruas (?) — os becos, digo melhor, são estreitos, e quando se levanta a cabeça para olhar o céu, no cimo das paredes ariegadas, ameaçando ruina, vêem-se os beirais formando teto, impedindo o livre acesso da luz.

Ruas há, que não são ruas, no verdadeiro sentido do termo. São túneis baixos, escuros e tenebrosos pelos quais se espera, a todo o momento, ver passar a moura.

Num cruzamento de becos, suspensa numa parede, está uma lamparina acesa. Preguntámos a uma mulherinha a significação daquela

## SECÇÃO DE LIVRARIA

DE

## "A BATALHA"

LISBOA—Calçada do Combro, n.º 38-A, 2.º—PORTUGAL

O maior inimigo que se opõe à nossa felicidade encontra-se em nós próprios. É a ignorância. Como aniquilá-lo? Lendo, lendo muito, lendo sempre e refletindo no que se lê.

Quanto mais sabemos, mais nos convencemos da nossa ignorância; daí a necessidade de saber mais.

E assim, que a humanidade vai caminhando para a sua libertação.

Além das obras anunciamos, fornecemos outras de vários autores e editores. Enviamos com a maior prontidão para o continente, ilhas, colônias e estrangeiro, mediante a remessa antecipada da importância das obras pedidas.

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais os seguintes:

Continente — Encomendas postais até 6 quilos \$350, pacotes até 2 quilos \$10 cada 50 gramas, e mais \$25 para registo em cada pacote. Ilhas — Encomendas postais, 6 quilos \$600. Brasil e Países da União Postal — Pacotes de 2 quilos \$950. América do Norte — Pacotes até 5 quilos, \$600.

## Publicações sociológicas

	Pelo correio	Pelo correio
Organização Social Sindicalista	500	500
Antonoff, A Russia Proletaria	250	250
A Comuna:		
As maiores oportunitades	500	500
Porque não creio em Deus?	500	500
O Proletariado Histórico	500	500
Agência Lux	500	500
O Socialismo e os Intelectuais	500	500
Briland — A greve geral	500	500
Bruxin — No sentido em que somos anarquistas	500	500
Carlos Rates — A ditadura do Jardim	500	500
Chapolier — Porque não creio em Deus?	500	500
Chueca — Como não ser anarquista	500	500
Alberto — O amor livre?	500	500
Content — Contra o capitalismo	500	500
Dufour — O idealismo e a revolução (2 vols.)	500	500
Emilio Bossi — Cristo, anarquista?	500	500
Eusébio Ribeiro — A evolução geral e anarquista	500	500
Eusébio Ribeiro — O anarquismo	500	500
Eusebio — Antunes deixa	500	500
Geno Williams — Relatório dos delegados do 1.º Congresso da W. M. no congresso da I. S. V. de Moscou	500	500
Gladiador — A questão social na Europa	500	500
G. O. M. — Proletariado consciente	500	500
Gustavo Molinari — Problemas sociais	500	500
Gustavo Le Bon	500	500
As primeiras conseguências das guerras europeias (2 vols.)	500	500
Entrevistas e discussões da guerra europeia (2 vols.)	500	500
Guyau — Ensaios da moral e da obrigação na ação	500	500
Educação e Hereditariade...	500	500
Hamor — A conferência da Paz e a hora	500	500
Ascesas da guerra mundial	500	500
O movimento operário na América do Sul	500	500
Psicologia do socialismo	500	500
A Crise do Socialismo	500	500

## Obras de literatura, ciência e ensino

	Pelo correio	Pelo correio
Henrique León — O Síndicismo	500	500
Heliodoro Salgado	500	500
O culto da imaculada	500	500
Mentirres das flores	500	500
Jean Gravé		
A Sociedade Futura	500	500
O anarquismo e os meios	500	500
João Bonança — O Sécular e o Clero	500	500
Joseph J. Ettor — Unionismo industrial	500	500
Justus Ebert — Os L. W. W. na teoria e na prática	500	500
Krapotkin		
A mocidade	500	500
A Anarquia, sua filosofia e seu ideal	500	500
A Grande Revolução (2 vols.)	500	500
A moral anarquista	500	500
Lázaro — A Liberdade da guerra	500	500
Os Problemas do Poder dos Soviéticos	500	500
Landau		
A Sociedade Democrática na Alemanha	500	500
Manuel Ribeiro — Na Ilha da Fogo	500	500
Marx — O Capital (2 vols.)	500	500
Mar Nordan — A mentira religiosa	500	500
Nossa Peste Religiosa	500	500
Nietzsche		
Antu-Cristo	500	500
Genealogia da moral	500	500
Nuno Vasco — O Trabalhador Rural Geográfico	500	500
Conceição Anarquista do Sindicato	500	500
Novicovitch — A emancipação da mulher	500	500
Patau e Pouget — Como faremos a revolução	500	500
Período de Saravina — Notas e códigos	500	500
Prat — Necessidade da Associação	500	500
Roland — A Rússia Nova	500	500
Os Sindicatos e as nações	500	500
Sebastião Faure-Doz — Prova da inexistência de Deus	500	500
Tomás da Fonseca — Sermões da Montanha	500	500

## Agenda de A BATALHA

## CALENDÁRIO DE MARÇO

	HOJE O SOL	Desaparece às 18,50
S. 1	8 15 22 29	
D. 2	9 16 23 30	
S. 3	10 17 24 31	
T. 4	11 18 25	
Q. 5	12 19 26	
S. 6	13 20 27	
T. 7	14 21 28	

## MARES DE HOJE

Praiamar às 3,44 e às 4,04  
Baixamar às 9,14 e às 9,34

## CAMBIOS

Países	Mos- das	Ao par	Ontem	Compr. a	Venda
Alemanha	Marco	425	—	—	—
Austrália	Coroas	61,9	—	—	—
Bélgica	Francos	17,8	1,370	15,99	15,99
Espanha	Pesetas	17,8	4,400	17,8	4,400
U. S. A.	Dólares	62,4	500	500	500
Frances	Francs	17,8	1,628	17,8	1,628
Ucrânia	Uromas	857,2	11,679	11,809	11,809
Inglaterra	Liras	450	160,000	450	160,000
Itália	Liras	17,8	1,670	17,8	1,670
Frances	Francs	17,8	548,00	17,8	548,00

## MOVIMENTO MARÍTIMO

Vapores e destinos	Dias
Flandres — portos do Brasil e Argentina	22
Avon, Leixões, Vigo, Cherbourg, Southampton e Amsterdam	23
Coimbra, portos de África	24
Flandres, portos do Brasil e Argentina	25
Wangon, portos do Brasil e Argentina	26
Porto de Souville, portos do Brasil e Argentina	27
Usambara, Tenerif, Port-Étienne, Dakar, Tabon, Grand Bassam	28

## HORARIO DOS COMBOIOS

Paris—Calais—Londres	
Ferries Sud-Express	às 12,25 — Chegada às 16,10 — V. P. V.
Partida do Rossio às 11,45 — Chegada às 16,25 — 10,45 e 11,45 — Rápidos	
Partidas das terças, quintas e sábados às 11,45 e 12,25 — Chegadas às 16,25 — 10,45 e 11,45 — Rápidos	
Partida do Rossio às 11,45 — Chegada às 16,25 — 10,45 e 11,45 — Rápidos	

## Pérola-Gaia

Partidas do Rossio às 3-40, 10-40 e 21-00 — Chegadas às 17-30, 10-45 e 11-45 — Rápidos	
Partidas das terças, quintas e sábados às 11-45 e 12-25 — Chegadas às 16-25 — 10,45 e 11-45 — Rápidos	
Partida do Rossio às 11-45 — Chegada às 16-25 — 10,45 e 11-45 — Rápidos	
Partida do Rossio às 11-45 — Chegada às 16-25 — 10,45 e 11-45 — Rápidos	

## Eivissa, Badajoz e Sevilha

Partida do Rossio às 21-20 — Chegada às 8-45	
C. Branco, Covilhã e Guarda	
Partidas do Rossio às 9-10 e 21-30 — Chegadas às 5-15 e 17-30	
Torres, Caldas, Figueira, Alfarcos e Porto	

Partidas do Rossio às 8-15 e 17-10 — Chegadas às 11-15 e 21-10 — Directo as Caldas; Mendes e Vila Real de Santo António	